

Favela Tour Virtual: Sobre Mobilidades Turísticas em Favelas no Contexto da Pandemia de Covid-19

Camila Maria dos Santos Moraes, Bernardo de La Vega, Fabian Frenzel, Isabela Rega, Juliana Mainard-Sardon¹

Seletas favelas do Rio de Janeiro se consolidaram como atração turística no contexto dos megaeventos. No entanto, desde 2016, uma série de crises econômicas e políticas se desdobraram e provocaram uma redução acentuada do número de turistas. Com a pandemia do novo coronavírus, em 2020, a situação se agravou e os projetos de turismo em favelas foram paralisados. Nesse contexto, o grupo de pesquisadores e autores deste artigo, em parceria com moradores de favelas engajadas no turismo, iniciou um projeto para a produção de tours virtuais com o objetivo de manter as favelas no fluxo turístico global, ainda que de forma virtual. Nesse sentido, este artigo descreve um dos resultados dessa iniciativa, quatro tours virtuais realizados em favelas do Rio em 2020, e analisa o que precisou ser mobilizado para converter as favelas turísticas em atrativos virtuais.

Palavras-chave: mobilidades virtuais, mobilidades justas, fluxos globais

Abertura do tour virtual na Rocinha

Em uma sala de reunião virtual, vemos uma típica cena dos tempos da pandemia: retângulos com imagens de rostos sem corpos se movendo. Em dois dos retângulos estão nossos guias, Antônio Firmino e Erik Martins. O primeiro, fundador e diretor do Museu Sankofa, um professor negro e mora-

¹ Camila Maria dos Santos Moraes e Bernardo de La Vega: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil. Fabian Frenzel: University of Oxford Brookes, Oxford, Inglaterra. Isabela Rega e Juliana Mainard-Sardon: Bournemouth University, Bournemouth, Inglaterra. Contato dos autores: camila.moraes@unirio.br

dor da Rocinha, com cabelos grisalhos. Atrás dele, vemos uma parede laranja com alguns mapas e fotos do que parece ser a própria Rocinha. O segundo, professor de inglês e guia de turismo, branco, de cabelos presos, sentado em um sofá. Ao fundo, vemos uma cozinha e geladeira com imãs e fotos na lateral. Além deles, está presente a equipe que assessora o tour virtual. Sem perceber que já estamos ao vivo, Erik pede para alguém trazer-lhe um copo de água. Em seguida, a equipe avisa: “Estamos ao vivo. Podem começar”. Em resposta, Erik fala “Eu não tô pronto não”, e ri, como se estivesse nervoso, mas em seguida afirma que está bem e já pode começar. “Vamo lá, vamo lá então, pessoal”.

O trecho apresentado descreve a abertura de uma série de tours virtuais em favelas, realizados entre novembro e dezembro de 2020 pelo projeto *Lockdown Stories: Grassroot Media Making in the favelas of Rio de Janeiro* (Histórias da Quarentena: produção de mídia popular nas favelas do Rio de Janeiro)² apresentado no contexto na pandemia do novo coronavírus, quando destinos turísticos foram fechados, voos foram cancelados e barreiras sanitárias foram criadas em todo o globo. Para sobreviver no imaginário dos turistas e, portanto, não serem esquecidos, mas lembrados em uma retomada após a pandemia, uma série de estratégias foram criadas no mundo do turismo, dentre elas os tours virtuais. Nesse sentido, inspirada no debate sobre as mobilidades turísticas e a invenção e reinvenção de lugares, de modo a mantê-los em movimento e acompanhando os fluxos globais de turismo (Allis, Moraes e Sheller 2020: 284), a equipe do projeto em tela apresentou uma proposta de produção de tours virtuais em favelas com o objetivo mitigar os impactos da pandemia no turismo em favelas e, ao mesmo tempo, fazer um registro das narrativas sobre a pandemia do novo coronavírus nessas áreas.

Dito isso, este artigo se propõe a descrever um dos resultados do projeto, os tours virtuais produzidos com moradores de favelas que atuam como guias de turismo e produtores culturais, de modo a analisar as narrativas e as diferentes experiências em diferentes favelas e contribuir para os estudos sobre turismo em favelas, bem como para os estudos sobre tours virtuais e (i) mobilidades turísticas durante a pandemia do novo coronavírus.

Para isso, é importante compreendermos que o turismo em favelas é a expressão local de um fenômeno global: o turismo em áreas de pobreza, que movimentava, em 2015, mais de 1 milhão de turistas e tinha 80% desse fluxo concentrado entre o Rio de Janeiro no Brasil e a África do Sul (Frenzel 2016). No Brasil, esse tipo de turismo se desenvolveu nos anos 1990 no Rio, mais especificamente na Rocinha durante a ECO 92, e, nos anos 2000, se expande para outras favelas da cidade como parte e parcela das políticas públicas no contexto dos megaeventos, a saber, a Copa do Mundo de Futebol da FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016 (Freire-Medeiros 2013; Frenzel 2016;

2 Projeto financiado pelo Fundo de Pesquisa QR Global Challenges da Universidade de Leicester (Research England) e contou com a colaboração de moradores das favelas. Registramos aqui nosso agradecimento. Para maiores informações ver o site do projeto. Disponível em: <<http://lockdownstories.travel/>> Acesso em 29 jan. 2022.

Moraes 2017). Nesse período, houve uma série de investimentos públicos nacionais e internacionais na atividade, uma vez que esta se apresentou como potencial para geração de renda nas favelas. Além disso, para moradores engajados no turismo, revelou-se também como um campo profícuo na disputa por narrativas sobre as favelas (Frenzel 2016; Moraes 2017).

Considerando o paradigma das novas mobilidades (Sheller e Urry 2006), mais especificamente as mobilidades turísticas (Sheller e Urry 2004; Allis, Moraes e Sheller 2020), como repertório teórico e criativo para análise do turismo em favelas, este artigo pretende responder: o que precisou ser mobilizado para converter as favelas turísticas em atrativos turísticos virtuais?; e em que medida as favelas foram reinventadas para atrair visitantes e pessoas inseridas em movimentos virtuais, ou ainda aquelas que desejavam se movimentar virtualmente?

Para isso, serão aqui descritos e analisados quatro tours virtuais realizados nas seguintes favelas: Rocinha, Providência, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo e Santa Marta. Tais tours estão disponíveis na íntegra na página do Facebook do Projeto³. Para interpretação desse objeto, utilizamos o modelo analítico proposto por Freire-Medeiros e Lages (2020) no artigo “Virada das Mobilidades”, em especial, o detalhamento analítico para tratar de mobilidades e entes em movimento.

Antes de começar o nosso tour virtual

Os *tours* ou visitas virtuais não são exatamente uma novidade, mas se modificaram durante a pandemia. As primeiras experiências virtuais relacionadas a atrações turísticas foram aquelas associadas às exposições virtuais oferecidas por museus (Rudek 2017). Com a pandemia do novo coronavírus, as experiências de tours virtuais avançaram para as plataformas de reuniões virtuais e passaram a reunir guias de turismo profissionais e viajantes/turistas/visitantes virtuais em um momento de restrição de pessoas nas ruas.

A empresa AirBnb criou a modalidade “experiências virtuais”, por meio da qual era possível assistir à preparação de uma receita de culinária com alguém do outro lado do planeta, a uma aula de dança, ou ainda realizar um tour virtual. É importante citar que nenhuma dessas experiências era transmitida ao vivo da rua. A proposta da empresa era que ambos, os turistas e o guia, estivessem ao mesmo tempo em suas casas, mas em contato e em trocas virtuais, por onde viajavam através de imagens, fotos e vídeos previamente selecionados.

3 Disponível em: <<https://www.facebook.com/TourismVirtualStories>> Acesso em 29 jan. 2022.

No Brasil, passamos a encontrar a plataforma Turismo Virtual no Brasil,⁴ criada por dois guias de turismo do Rio de Janeiro para a divulgação de tours virtuais. Os primeiros tours eram semelhantes aos do AirBnB, com todos em casa, e os lugares turísticos se concretizavam como lugares de encontro entre visitantes virtuais e guias/anfitriões virtuais, onde culturas e saberes eram trocados. Como já observado por Allis, Moraes e Sheller, “as mobilidades turísticas envolvem complexas combinações de movimentos e pausas, realidades e fantasias, lazer e trabalho” (2020: 276). Assim, podemos observar que, durante a pandemia, as mobilidades turísticas se adaptaram para as pausas de movimentos físicos e deram mais espaço para movimentos virtuais e imaginativos.

É com base nas experiências citadas e em experiência prévia de tour virtual em favelas na plataforma Além do Mapa⁵ (*Beyond the Map*), criada pelo Google às vésperas dos Jogos Olímpicos Rio 2016 com a promessa de levar o turista digital para as favelas do Rio (Moraes 2017: 220-224), que o projeto em tela apresentou a proposta para um financiamento emergencial na Inglaterra. Tal proposta foi contemplada para avaliação e mitigação de impactos da pandemia do novo coronavírus no turismo em favelas do Rio de Janeiro, e os tours virtuais foram produzidos com o objetivo de contribuir para a atenuação desse impacto no setor.

Para a produção dos tours virtuais, orientamo-nos pela discussão metodológica de Buscher e Veloso (2018), que sugerem a ampliação dos métodos de pesquisa para novas perspectivas de movimento, interação e colaboração entre pesquisadores e sujeitos pesquisados e, para tanto, indicam algumas formas de se mover com os objetos e/ou sujeitos de pesquisa: mover-se e tornar-se; mover-se e o movimento; mover-se e comover-se; e mover-se por impulso.

Para a produção dos tours virtuais, optamos pelas formas “mover-se e tornar-se” e “mover-se por impulso”. A primeira sugere como método seguir as pessoas, as coisas e as metáforas, não só fisicamente, mas também fazendo uso de tecnologias. No nosso caso, em momento de isolamento social, movemo-nos apenas virtualmente com auxílio de câmeras e smartphones. Já a segunda forma, que indica os movimentos por impulso, foi acionado pela equipe do projeto na medida em que nossa proposta previa intervenção, ou seja, a mobilização da equipe do projeto para intervir na realidade com vistas à mitigação dos impactos da pandemia. Assim, vimos, como Buscher e Veloso, que o ato de se mover como método e metodologia, de forma figurada ou literal, ajuda “a enfrentar as imobilidades (forçadas, reais ou imaginadas) por meio de novas possibilidades analíticas e políticas” (2018).

Considerando ainda a inserção prévia nas favelas de uma das autoras e coordenadoras do projeto que, inspirada em Valladares (2007), realizou por

4 Disponível em: <<https://turismovirtualnobrasil.com.br/>> Acesso em 29 jan. 2022.

5 Disponível em: <<https://beyondthemap.withgoogle.com/pt-br/>>. Acesso em 29 jan. 2022.

alguns anos observação participante e construiu uma rede de confiança junto aos moradores das favelas atuantes no turismo, a equipe do projeto possuía as condições necessárias para retomar o contato virtual na pandemia e conduzir suas atividades, tendo na observação participante o método central.

Assim, para a produção dos tours virtuais sobre as favelas, realizamos, junto com os moradores, tours virtuais oferecidos pelo AirBnb e pela Plataforma de Turismo Virtual do Brasil. A partir dessas experiências, refletimos sobre como seriam os tours virtuais nas favelas e realizamos reuniões para discutir seu formato e conteúdo, mantendo a liberdade de criação e produção nas favelas. Cada tour foi pensado separadamente, considerando as especificidades de cada favela, e, antes de cada um, fazíamos um ensaio para checar as conexões à internet e a proposta pensada pelos moradores.

Os guias e moradores tinham seus roteiros regulares em mente e partiam destes para a produção dos tours virtuais, ou seja, não eram novos roteiros com novos conteúdos, mas sim uma adaptação do roteiro de visita presencial à favela para um roteiro virtual. Definimos também que os tours virtuais não seriam um substitutivo do tour presencial, mas sim uma versão resumida ou fragmento deste para motivar o turista virtual a se mover até a favela, fisicamente, assim que possível. Desse modo, os tours da Rocinha e do Museu de Favela se dedicaram a trechos do tour regular, ou seja, se dedicaram a uma breve amostra do que são seus roteiros e do que apresentam para os turistas. Já os tours da Providência e Santa Marta passaram pelos principais pontos dos tours regulares, porém de forma rápida e ágil, o que só seria mesmo possível por meio de um tour virtual, com apoio de tecnologias e de parcerias locais, como veremos adiante.

Dessa forma, para começar a nossa série de tours virtuais, é importante compreendermos as mobilidades de várias ordens que viabilizaram esse tipo de tour. A primeira e talvez mais óbvia: a mobilidade virtual dependente de infraestruturas materiais conectadas, como os celulares, computadores e internet, mas também dos entes em movimento, que seriam aqui os nossos guias em favelas, que se movimentaram fisicamente e virtualmente, e os turistas, que se movimentaram exclusivamente de forma virtual, assim como a equipe do projeto.

Começando os nossos tours: as infraestruturas materiais conectadas e os entes em movimento

A primeira infraestrutura material conectada é o celular ou computador com acesso à internet e que permite a entrada na sala de reunião virtual. Essa é a primeira interface desses tours virtuais, onde se encontram os guias, a equipe do projeto, que assessora todos os tours, e alguns dos turistas virtuais, já que outros podem estar na segunda interface do tour virtual, o Facebook,

onde os tours virtuais foram transmitidos ao vivo e onde ainda estão disponíveis. Começamos então os tours.

Tour Virtual Rocinha

Enquanto Erik se apresenta e cumprimenta o público, compartilha sua tela para iniciarmos o tour e assim vemos uma imagem de satélite do Google Maps. O guia ajusta o mapa para que vejamos somente a América do Sul, com o Brasil no centro, e explica que utilizará o mapa para ambientar os convidados. Com o cursor, aponta para regiões da cidade do Rio até chegar à Rocinha, “considerada a maior favela do Brasil”, diz ele, e em “uma localização privilegiada”. Ao fundo, ouvimos uma criança que descobrimos ser o sobrinho de Erik. Ela aparece na câmera por um breve momento e acena. Em alguns momentos, sua fala congela rapidamente, mas sem causar prejuízos para o entendimento geral de sua narrativa. Tudo parte do cotidiano das mobilidades, neste caso, mais precisamente das mobilidades virtuais e suas pausas e turbulências (Freire-Medeiros e Lages 2020), que, como veremos nos tours virtuais, serão provocadas por crianças, animais de estimação, falhas da internet, microfones abertos, para citar alguns.

Após essa breve apresentação da Rocinha, ancorada no Google Maps, Erik passa a palavra para Firmino e libera o controle para que ele compartilhe sua tela, agora ancorada no site do Museu Sankofa, instituição que organiza e preserva a memória e história da Rocinha. Começamos então a visualizar o site do Museu, produzido em uma parceria com o Instituto Moreira Salles, e Firmino explica que se trata de um museu de percurso. Após essa introdução, indaga o público: “Por que não ter um museu? Por que não ter um espaço de memória e história?”. E enfatiza que essa é uma luta diária dos moradores da Rocinha e outras favelas, uma luta pela manutenção de um espaço de memória.

Firmino segue explanando sobre como o percurso do Museu é reproduzido em um tour regular que inicia na parte alta da favela da Rocinha, “justamente para dar o entendimento de como se deu o crescimento da cidade do Rio de Janeiro e o crescimento da favela”, e explica que foi “da parte alta, vindo da Gávea, para a parte da baixa em São Conrado”. No site, que está sendo compartilhado, vemos uma foto aérea da favela e um texto explicativo logo abaixo. Vemos também outras fotografias e mapas antigos da cidade, que ilustram o loteamento do território onde hoje se encontra a favela da Rocinha. Firmino segue sua fala contando sobre os períodos de expansão enquanto navega por fotos e uma linha do tempo no site. Por fim, explica a origem do nome do museu, Sankofa, que faz alusão a uma ave africana mítica que possui a cabeça virada para trás e os pés para frente, cujo sentido se traduz em: “Se eu quero construir o presente e o futuro, eu tenho que olhar o passado”. Então encerra, passando a palavra e a tela de volta para Erik.

Erik volta a compartilhar sua tela, projeta a página do perfil Rocinha Histórica no Instagram e mostra algumas fotos da página do museu. Em seguida, mostra a página de seu projeto, Rocinha by Rocinha, no Facebook, apresentando para os turistas virtuais toda essa vida social virtual do Museu, da Rocinha, e de seus projetos. A partir de um pequeno vídeo no Instagram, Erik nos convida a conhecer o interior da Rocinha, sob o ponto de vista de um motorista de automóvel. Com o vídeo, subimos imageticamente e virtualmente pela estrada principal da favela, a estrada da Gávea, rodeada por casas, prédios, comércios e pessoas. O guia então chama a atenção para a movimentação da rua, com carros, motos e caminhões, e acrescenta: “A Rocinha nunca dorme”. Logo após o vídeo, retornamos para a visualização do Google Maps.



Figura 1: Print de tela do Tour Virtual da Rocinha. Fonte: Página do Facebook do projeto.

A imagem é do momento em que retornamos para o Google Maps. Estamos no modo de navegação de rua, como se estivéssemos nos movendo pelo território. Vemos, novamente, pessoas, automóveis e casas enquanto Firmino e Erik se revezam como narradores e aparecem no canto superior direito da tela, coordenam a nossa movimentação virtual e falam sobre os principais pontos da favela, como a curva do S, exatamente o local no mapa onde estamos naquele momento. Podemos ver carros, motos, pessoas e o nome “Estrada da Gávea” digitado na pista como localização do próprio mapa. Erik brinca: “a gente vive aqui num caos organizado”, e encerra essa primeira parte do tour. Dalí, seguimos para o momento de interação de visitantes e anfitriões virtuais, no qual são feitas perguntas para os guias e moradores presentes. Ao final do tour, todos foram convidados para o próximo, a ser realizado na semana seguinte.

Seguimos para o próximo tour, agora na Providência. Para esse tour, Cosme, nosso guia, colocou-se em movimento físico previamente. Ele marcou

um “Rolé dos Favelados”, seu roteiro regular presencial na favela, para um público restrito e filmou todo o percurso com seu celular. Com o mesmo aparelho, ele compilou todas as filmagens em um único vídeo a se tornar a base de seu tour virtual.

Tour Virtual Providência

Pelas lentes da câmera de seu celular, em posição horizontal, vemos e ouvimos um homem jovem adulto, negro, de cabelo e barba curta. Sentado no sofá de sua casa, veste uma camisa de botão floral e um cordão com seu crachá de guia de turismo. É o início do “Rolé dos Favelados” virtual.

Cosme inicia o “rolé” com uma breve saudação para os presentes e apresenta a Favela da Providência como “a primeira favela do Brasil, lugar onde nasci e até hoje vivo”. Após breve contextualização da sua história, discorre sobre como iniciou seu trabalho como guia de turismo. No meio de sua fala, Cosme pausa para tirar o rabo de seu gato, Benjamim Salomão, da frente da câmera, outra turbulência usual em atividades virtuais.

Nosso guia segue nos contando sua história de vida, movendo imaginativamente sua narrativa. Nesse momento do tour vemos apenas Cosme em sua casa e ouvimos sua história, sem suportes como fotografias, vídeos ou qualquer outra imagem. Ele conta que frequentou a Igreja Metodista, no bairro da Gamboa, uma instituição com projetos sociais que atraíam metodistas do mundo inteiro e que, ao chegarem no pé da favela, pediam ao Cosme para levá-los para conhecer. Em troca, ele era levado para conhecer sua própria cidade e estado, acompanhando os grupos estrangeiros.

Cosme também conta que, ao longo de sua vida, engajou-se nas lutas por direitos sociais, moradia e saneamento básico. Conta-nos sobre o início da pacificação do Morro da Providência, das políticas públicas municipais de remoção de favelas e os grandes projetos de infraestrutura turística no território e nos expõe um paradoxo que enfrenta durante sua militância: a atuação como guia de turismo e militante: “como um profissional do ramo turístico pode ser contra um teleférico em seu território?”. Lembra que, antes de ser um guia, é um morador que luta pela melhoria da favela e explica que seu objetivo é mostrar ao turista o “real” Rio de Janeiro, com suas verdadeiras faces, muito além das tradicionais atrações da Zona Sul da cidade.

Dito isso, conta que, apesar de ter aprendido que o guia de turismo deveria ser imparcial, decide criar o “Rolé dos Favelados”, para se opor à impessoalidade. É apenas após essa contextualização de seu trabalho que ele convida o público a assistir o vídeo. Com o vídeo pronto para iniciar, e em meio a mais um gole de água, Cosme interage com mais um espectador cujo áudio estava ligado (outra turbulência). Com humor, pergunta: “Que guarda-chuva? Tem alguém falando para pegar guarda-chuva.”, como quem respondesse a uma

pergunta que estava sendo direcionada a outra pessoa no áudio. A equipe do projeto assume então o compartilhamento da tela e o tour virtual passa a ficar ancorado no vídeo. Durante a transmissão, o vídeo ficou sem som para que nosso guia pudesse nos guiar ao vivo.



Figura 2: Print de tela do Tour Virtual da Providência. Fonte: Página do Facebook do projeto.

Na imagem, vemos Cosme de máscara em uma ladeira da Providência de paralelepípedo, com casas e carros nas laterais, e vemos, ao mesmo tempo, Cosme no canto superior direito da tela. Isso porque estamos vendo uma imagem gravada previamente, sendo explicada, narrada e apresentada por Cosme durante o tour virtual.

Ao longo do tour, nosso guia nos narra acontecimentos históricos, descreve os locais pelos quais percorre e fala sobre questões raciais, sociais e econômicas, enquanto o vídeo nos mostra percursos pelas calçadas, comércio local, travessas e vielas do Morro, bem como o chão de paralelepípedos, grafites, vistas panorâmicas, casas, igrejas, turistas, além de outros moradores. O vídeo finaliza com uma performance artística e cultural, um ato teatral em que Cosme interpreta um diálogo e canta uma canção autoral acompanhada de pandeiro. Na letra da música, é reforçada a temática política, social e educacional de seu tour, que finaliza com menção à execução da vereadora Marielle Franco. Esse final remete ao final dos tours regulares, que se encerram em um almoço no Bar da Jura. Ao lado desse bar, há um grafite da vereadora Marielle que, apesar de não aparecer no tour virtual, é transportado para a narrativa desse tour por ser considerado um elemento central do “Rolé dos Favelados”.

Assim como no tour anterior, encerramos com o momento de interação, perguntas e o convite para o próximo tour.

Tour Virtual Santa Marta

Chegamos ao Santa Marta. Nesse tour, a sala virtual está cheia e movimentada. Podemos notar pessoas se movimentando por ruas da favela, mas também em casas dentro da favela. Uns estão andando na rua, outros ajustando o celular, os demais observando. Verônica, uma das guias do tour de hoje, comenta: “Só falta a Salete, né?”, a qual responde prontamente: “Oi! Tão me ouvindo? Tão me vendo? Peraê, peraê. Peraê, gente”. Nesse instante, podemos ver a imagem de Salete, que ajeita seu cabelo, coloca sua máscara e ouve a confirmação de que a estamos ouvindo. Por entre sons de televisão e barulhos da rua, Verônica inicia sua fala. Vemos que ela está na reunião pelo seu celular. É uma jovem mulher branca de cabelos escuros, compridos e cacheados, vestindo blusa preta, sentada em um cômodo branco de sua casa e com fones de ouvido. A guia se apresenta, sorridente, fala do Santa Marta e explica: “Vocês estão aqui, virtualmente, mas vão conhecer Santa Marta, conhecer essa energia, o brilho que tem dentro da favela, as nossas crianças, a nossa comunidade”. Por fim, saúda a todos e passa a palavra para o próximo guia, Allan Basílio.

Em um dos retângulos, Allan se apresenta. Vemos um jovem negro de barba curta e cabelo tipo black power, de fone de ouvido, crachá de guia e blusa branca, que chama atenção para sua localização na entrada da favela, no stand que fica na praça que dá acesso ao Santa Marta e onde recebem os turistas. Nosso guia nos explica que ali é feito o primeiro contato com todos os visitantes e mostra um totem com o mapa da favela, indicando os principais pontos do tour regular que serão apresentados também no tour virtual. Após sua fala, Allan passa a palavra para Salete, que está no acesso à favela perto da escadaria e do plano inclinado.

A partir desse momento, vemos somente a tela de Salete, na qual observamos uma mulher branca de cabelo liso, loiro e comprido. De jaqueta branca e blusa azul, Salete usa seu crachá e dispensa o uso de fone, colocando-nos para ouvir bem os diversos sons da favela enquanto nos fala dos acessos ao Santa Marta. Salete conclui sua fala passando a palavra para Elias, já dentro da favela, mais especificamente na associação de moradores.

Com o celular na vertical, vemos um homem adulto, pardo, de cabelos escuros e curtos. De fone de ouvido e blusa clara, Elias nos mostra o letreiro colorido acima da entrada da associação e entra em uma sala onde vemos fotos impressas/reveladas coladas na parede, fotos do Santa Marta em diferentes períodos históricos, e nos apresenta o presidente da associação, Zé Mário, que fala brevemente das lutas comunitárias antes de encerrar sua participação e passar para Mário, que está na laje/estátua do Michael Jackson.

De óculos estilo aviador, fone de ouvido e blusa branca e crachá, vemos um homem negro com a barba e cabelos curtos que nos saúda e nos mostra a estátua do Michael Jackson, um dos principais pontos turísticos da favela. Nesse ponto, também nos mostra os grafites relacionados à pandemia de co-

vid-19 pintados na parede de uma casa. Após sua fala, o guia nos direciona para um vídeo sobre a próxima parada do bondinho.

O vídeo, de cerca de um minuto, é então colocado no ar pela equipe do projeto e apresenta o guia de turismo, Barbosa, um homem negro de camisa branca e crachá que participa do tour através de vídeo gravado previamente, pois estava com suspeita de covid e em isolamento em casa. Após o vídeo, Verônica nos convida a visitar o pico, “o topo da favela”, com os guias Mandudu, Mário e Marco.

Ao chegarmos virtualmente ao mirante, pelas lentes do celular de Mario, que correu da estátua do Michael Jackson até a parte alta, encontramos Mandudu, um homem negro, de cabelos raspados e grisalhos, discursando sobre a favela para outros visitantes. Ao ouvi-lo, notamos seu sotaque francês. Diferente de nossos demais guias, Mandudu não é nascido e criado na favela, veio do Congo para o Brasil recentemente e hoje mora no Santa Marta.

Nesse momento, passamos a ver imagens de três celulares ao mesmo tempo e no mesmo lugar, mas mostrando pontos distintos: ora a parte alta da favela, ora a paisagem vista dali, ora um dos guias. E é nessa bagunça animada e ao mesmo tempo organizada que encerramos o tour do Santa Marta e passamos para a interação com o público, onde o coletivo manteve sua organização e revezamento para responder às perguntas dos visitantes virtuais.

Nesse último tour, vimos uma importante interação, apoio e confiança entre os guias do Coletivo do Santa Marta, o que foi fundamental para a realização do tour no formato descrito aqui. Os guias se colocaram em movimento físico simultaneamente ao movimento virtual e, organizados em uma transmissão coletiva, distribuíram-se por diferentes pontos da favela, de onde transmitiram ao vivo sua parte de um tour que, como um quebra-cabeça, compôs todo o tour virtual.

Tour no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo

Chegamos ao tour do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Pela lente de sua câmera do celular, em posição vertical, vemos uma mulher negra com os cabelos até o ombro. Segurando o celular com a mão e munida de óculos e fones de ouvido, a guia veste uma blusa branca e se posiciona de pé em uma rua da favela. Vemos, ao fundo, uma casa cujo muro está parcialmente pintado com uma arte em grafite. Sorridente, se apresenta e, enquanto fala, Márcia gira o celular para que possamos ver melhor a favela e iniciar seu tour.

Logo no início, Márcia interage com duas senhoras negras de meia-idade e as introduz: “São meninas da comunidade, crescidas comigo. Cada família dessas tem uma história”, e lhes explica que está contando a história da

favela “para o mundo ver”, reconhecendo que está conectada ou em contato com várias pessoas de diversas partes do mundo naquele momento.



Figura 3: Print de tela do Tour Virtual do Museu de Favela. Fonte: Página do Facebook do projeto.

Atrás de Márcia, vemos uma casa que ela explica ser da associação de moradores, onde vemos um grafite de fundo azul com a representação da favela e um grande galo colorido. Na extremidade esquerda da pintura, lê-se “Becos e vielas, nosso nome é favela”. A partir desse grafite, Márcia inicia sua fala sobre o Museu de Favela (MUF), criado em 2008, para ser uma porta de entrada para a visita à favela e mudar a visão atrelada à violência.

Márcia segue com o tour virtual nos contando sobre o MUF e como funciona a visita pelo museu a céu aberto, explica que se baseia em um circuito de grafites nas paredes das casas que contam as histórias e memórias da favela, chamado de “Casas-Telas”. Enquanto nos fala, vemos no trajeto casas, motos, moradores e algumas das vistas do alto da favela.

Ao seguirmos pelo circuito, Márcia enfatiza: “se eu fechar a câmera é porque eu preciso, tá bom?”. Sem precisar dizer muito, alguns dos turistas virtuais entendem a mensagem. Ao se movimentar fisicamente pela favela com um celular na mão e fazendo uma transmissão ao vivo, Márcia precisa se preocupar com o enquadramento de imagens da favela que circularão “para o mundo ver”, como ela mesma disse, considerando que o vídeo ainda fica disponível para acesso no Facebook.

Ao longo do tour, Márcia reveza entre a câmera traseira e frontal de seu celular com habilidade, nos permitindo ora vê-la, ora ver a favela, até que chegamos à primeira “Casa-Tela”. Na arte em grafite, vemos um morro com algumas casas. Segundo Márcia, a tela conta a história da origem dos primei-

ros moradores da favela que vieram de Minas Gerais, na década de 40, para construir a cidade, e explica: “quando as obras acabaram, eles perderam o emprego e não tinham condição de voltar para a terra deles, então subiram os morros”. Vemos novamente um enorme galo de boca aberta, símbolo do morro Cantagalo, como se estivesse emitindo um som ou canto. Ao fundo, a representação de pessoas negras trabalhando na terra e uma pequena casa branca entre duas grandes árvores. Márcia, então, nos mostra um cordel escrito na parede que descreve o que está ilustrado na Casa-Tela e o lê em voz alta:

Em 1907
Um morro interiorano
Foi refúgio de escravos
Dos que vinham chegando
De Minas Gerais de maleta
No Lago Rodrigo de Freitas
Passavam os dias pescando
Plantavam e comiam do cacho
No mesmo quintal da galinha
Lá do alto do morro
Serviço barato descia
Na hora que o galo cantava
O povo debaixo escutava
Cantava para mais um dia

(Trecho do cordel que narra o Circuito das Casas-Telas. Autoria do Cordel: Museu de Favela 2010)

Acabada a leitura, Márcia segue para a próxima parada, onde vemos outra vista da cidade a partir da favela, o Arpoador e as Ilhas Cagarras, e mais outras duas Casas-Telas que retratam a falta de energia, água e saneamento nas favelas. Ela explica que esses grafites não têm como objetivo trazer elementos negativos ou pejorativos, mas “lembrar desse tempo como parte da história do território”.

Para encerrar o tour, Márcia escolhe parar em um mirante de onde vemos o Pavão e Pavãozinho e a vista da Baía de Guanabara, além de prédios dos bairros que circundam as favelas e um céu azul, quase sem nuvens. No muro que serve de guarda-corpo ao mirante, vemos um grafite que retrata elementos da natureza, política, lazer e turismo da cidade do Rio de Janeiro. Da esquerda para direita, um pé de jaca, o estádio do Maracanã, Pão de Açúcar e Urca, os arcos olímpicos entrelaçados nas palavras “Rio de Janeiro”, a Baía de Guanabara com peixes e lixo e uma urna eletrônica de votação, com a palavra “Fim” na tela. Com o “fim” no grafite chegamos também ao fim da série de tours virtuais.

Considerações Finais

Por que vocês vão na favela?
O que faz você ir para a favela?
Por que você sai do seu país, do seu estado, da sua cidade, para ir para a favela?

Agora vocês estão na favela comigo.

(Transcrição de trecho de fala do guia Cosme Felippsen no Tour Virtual da Providência)

Essas são indagações de Cosme ao final do “Rolé dos Favelados” virtual. Ainda que todos estejam presentes virtualmente, nos tours virtuais o turista virtual teve a oportunidade de se mover digitalmente por algumas favelas do Rio de Janeiro.

Retomemos a pergunta inicial deste trabalho: o que precisou ser mobilizado para converter as favelas turísticas em atrativos turísticos virtuais? Como vimos, foi preciso que os guias das favelas tivessem acesso à infraestrutura materiais conectadas, como computadores, celulares e internet, mas também foi preciso que se colocassem em movimento físico e virtual e pensassem no que queriam apresentar “para o mundo” naquele momento.

Ao observar a performance dos guias nos tours virtuais, vimos que mobilizar virtualmente esses lugares, as favelas, demandou performances e movimentos dos corpos dos guias, que, como constatamos, precisaram se mover fisicamente pela favela de modo a preparar os tours virtuais ou para executarem tours ao vivo. Para isso, precisaram de celulares ou computadores, internet, fones de ouvido, máscaras de proteção contra covid-19, quando estavam transmitindo da rua, suportes, equipes de apoio nas favelas, mas também nas salas virtuais, mediando entrada na sala, perguntas para os guias, transmissão para as redes sociais e divulgação. Do mesmo modo, o turista virtual só poderia ser aquele também capaz de se mover virtualmente, com celular, computador e internet. Essas micro-mobilidades são cruciais e determinantes para a realização de um tour virtual e para o complexo jogo das (i)mobilidades turísticas em escala global no contexto da pandemia de covid-19.

Inicialmente, o projeto previa tours virtuais em formatos mais tradicionais, semelhantes ao primeiro tour do projeto, o tour virtual da Rocinha. No entanto, os guias quiseram fazer essa condução em formato de transmissão ao vivo, como no Santa Marta e Museu de Favela, ou a partir de vídeos gravados previamente, como foi o caso do tour da Providência. Assim, considerando o debate das mobilidades justas (Sheller 2018) e diante das desigualdades já impostas, o morador das favelas foi aquele que, em contexto de pandemia, não pôde se isolar ou trabalhar de casa e, portanto, não via problema em se mover fisicamente para fora de casa para trabalhar, seja na preparação do tour virtual, na execução dele ou ainda em qualquer outra atividade que eles desempenharam para sobreviver durante a pandemia.

Nessa reinvenção virtual das favelas turísticas, também foi possível observar que o guia de turismo pôde ficar mais no controle do olhar do turista, no sentido de Urry (2001). Isso porque, no tour virtual, só se vê aquilo que o guia enquadra para ser visto, e pode-se notar que os guias tinham plena consciência disso, como vimos com Márcia, quando ela sinaliza que se “fechar a câmera é porque eu preciso, tá bom?”. Ou ainda na ausência do tema pandemia nas falas dos guias.

É importante destacar que, apesar dos tours virtuais terem sido apresentados como estratégia durante a pandemia, a pandemia em si não foi um tema trazido pelos guias nos tours virtuais. A exceção do uso de máscaras em alguns momentos dos tours, ou no tour do Santa Marta com breve menção a um grafite, quando o guia rapidamente mostra que se trata de uma representação da sanitização, um projeto que um grupo do Santa Marta liderou (Menezes e Mano 2020), a pandemia não apareceu nos tours.

No entanto, a pandemia estava presente no território, com a instalação de bicas para lavagem de mãos perto dos pontos de mototáxis e em outros locais de passagem, ou ainda em campanhas de arrecadação de produtos de higiene e cestas básicas, coisas percebidas e vistas rapidamente por um visitante que se encontrasse presencialmente na favela, mas que não foram enquadradas nos tours virtuais.

Outro ponto que merece destaque é o fato de no tour virtual o guia poder ser o principal atrativo. Uma pessoa com nome e sobrenome que conta sua história naquele momento com grande atenção por parte do turista virtual, que não vê na tela muita coisa além do guia ou daquilo que é enquadrado. Em um tour regular, o turista está imerso na favela, repleto de estímulos visuais, auditivos e olfativos. Vale ressaltar que às vezes o estímulo auditivo no tour virtual se sobressai pela captação dos microfones abertos nas favelas, mas não tira do guia a centralidade no tour. Eles conseguem inclusive brincar com isso, como Cosme fez, respondendo a alguém que perguntava sobre um guarda-chuva e havia esquecido o microfone aberto.

Por fim, podemos supor que os tours virtuais se apresentaram como uma alternativa para manter as favelas em movimento durante a pandemia, em especial na manutenção do movimento das contra-narrativas sobre as favelas, um conteúdo presente em todos os tours virtuais.

Além disso, tais experiências virtuais podem motivar o turista virtual a fazer um tour como esse no futuro, visitando de fato fisicamente uma favela. Tal desejo de estar nos lugares foi denominado por Boden e Molotch (1994) como “compulsão pela proximidade” (tradução dos autores). De acordo com esses pesquisadores, as pessoas precisam de experiências de copresença ou face a face porque fornecem mais informações sobre os pensamentos e sentimentos de outras pessoas do que as formas de interação digital. No final das contas, o contato virtual com esses lugares pode ser um incentivo, um pontapé inicial, para que as pessoas desenvolvam o desejo de estar lá pessoalmente, e um turista virtual pode potencialmente tornar-se um turista regular, o que aumentaria ou recuperaria a demanda pelas favelas turísticas no futuro pós-pandêmico. Até porque, como diriam nossos guias, “quem não é visto não é lembrado”.

Por fim, para Cosme, “a favela é vida, é energia. Então não é difícil responder por que as pessoas vão para a favela”. E acrescenta: “Vir no Rio de Janeiro e não conhecer uma favela é não conhecer o real Rio de Janeiro”. Cosme en-

cerra seu tour com uma mistura de canções que ele adapta para a realidade das favelas do Rio, uma mistura de “Opinião” de Zé Ketí com “Barracão” de Elisabeth Cardoso, Jacob do Bandolim e Época de Ouro, onde ele inclui os nomes das favelas que estavam presentes no tour virtual, favelas ameaçadas de remoção ou removidas pela administração municipal, fechando seu tour de conteúdo crítico e político.

Vai barracão
Pendurado no morro
E pedindo socorro
Vai barracão
Tua voz eu escuto
Não me esqueço um minuto
Porque sei
Que tu és
Barracão de zinco
Tradição do meu país
Barracão de zinco
Pobretão e feliz
Podem me prender
Podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro eu não saio não
Da Providência eu não saio não
Do Santa Marta eu não saio não
Da Vila Autódromo eu não saio não
[...]
E não tem água que fura um poço
Se não tem carne
Eu compro osso e ponho açúcar
E deixa andar
Deixa andar
Falem de mim o que quiser falar
Aqui que eu não pago aluguel
E seu eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu
(Transcrição da música cantada por Cosme Felippsen ao final do Tour Virtual da Providência)

Terminada a canção, Cosme convida o público a bater palmas e abrir seu microfone para que ele possa ouvir os turistas virtuais. Na tela, vemos espectadores sorridentes, batendo palmas, alguns com microfone ligado, e coros de parabéns.

Referências

- Allis, Thiago, Moraes, Camila Maria dos S., e Sheller, Mimi. 2020. “Revisitando as mobilidades turísticas.” Pp. 271-295 em *Revista Turismo Em Análise*, 31(2).
- Boden, Deidre e Molotch, Harvey. 1994. “The Compulsion to Proximity” em *Nowhere: Space, Time and Modernity*, editado por R. Friedland e D. Boden. Berkeley: University of California Press.

- Büscher, Monika e Veloso, Leticia. 2018. "Métodos Móveis." Pp. 133-151 em *Tempo Social*, 30(2).
- Freire-Medeiros, Bianca. 2013. *Touring Poverty*. New York: Routledge.
- Freire-Medeiros, Bianca e Lages, Mauricio P. 2020. "A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções." em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 123. Disponível em <<https://journals.openedition.org/rccs/11193>>.
- Frenzel, Fabian. 2016. *Slumming it*. London: Zed Books.
- Menezes, Palloma e Mano, Apoena. 2020. "Sanitização comunitária, articulações e trocas de conhecimentos para 'cuidar dos nossos': Entrevista com Thiago Firmino, liderança da favela Santa Marta." Pp. 1-17 em *Revista Dilemas*, v.1, Seção Excepcional Reflexões na Pandemia. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ.
- Moraes, Camila Maria dos S. 2017. *Favelas Ecológicas: passado, presente e futuro da favela turística*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV-RJ.
- Rudek, Silvania. 2017. "A exploração dos museus virtuais como recurso metodológico para o ensino de história." Pp. 5-26 em *Cadernos PDE*, 1 (1).
- Sheller, Mimi. 2018. "Theorizing mobility justice." Pp. 17-34 em *Tempo Social*, 30(2).
- Sheller, Mimi e Urry, John. 2004. *Tourism Mobilities: places to play, places in play*. New York: Routledge.
- _____. 2006. "The new mobilities paradigm." Pp. 207-226 em *Environment and Planning A*. V.8, n. 2.
- Valladares, Licia. 2007. "Os dez mandamentos da observação participante." Pp. 153-155 em *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online], v. 22, n. 63.

Favela Virtual Tour: tourism mobility in favelas in the context of the covid-19 pandemic

Abstract: Some favelas in Rio de Janeiro have become a tourist attraction. However, since 2016, a series of economic and political crises in Rio have caused a sharp reduction in the number of tourists, as well as in investments to these areas. With the covid-19 pandemic in 2020, the situation worsened and tourism projects in favelas were paralyzed. The authors of this article in partnership with favela residents initiated a project to stage virtual tours aiming to keep favelas within the global tourist flow. The article discusses the outcomes of the project, referring to four virtual tours conducted in Rio's favelas in 2020, analyzes what is needed to convert tourist favelas into virtual attractions.

Keywords: virtual mobility, mobile justice, global flows

Recebido em: 2021-07-01

Aceite em: 2022-01-29

Fios de uma costura urbana: refazendo caminhos de um trabalho entre a casa e a rua

Renata da Silva Melo
UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil¹

O ensaio fotográfico que deu origem a este texto apresenta trajetos de uma costureira e camelô em seu cotidiano em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A proposta é provocar uma reflexão sobre as relações entre a casa e a rua como espaço de trabalho a partir das imagens para, então, analisá-las em diálogo com o paradigma das mobilidades. A apresentação tem também como objetivo trazer uma breve discussão sobre os aspectos teóricos e metodológicos relacionados ao ensaio. As fotografias surgiram como resultado de uma disciplina de fotojornalismo da Escola de Comunicação Social da UFRJ e de uma imersão da fotógrafa sobre suas próprias origens sociais, envolvendo, portanto, um processo de autoreflexividade, que será abordado a partir de perspectivas etnográficas e da metodologia da pesquisa-formação.

Palavras-chave: fotografia, etnografia, trabalho informal, mobilidades, autoreflexividade

O barulho da máquina de costura era o que regulava a casa. O ronronar do gato se misturava com o som do motor, um intervalo pra tomar café e pronto: ele despertava e seguia se engalfinhando pelas pernas pedindo comida. No quarto ao lado, a mão do namorado mudava de lugar ao primeiro toque de parada. É a casa a nossa fábrica e a rua a nossa loja. Se chove, chovemos junto, na rua mesmo, embaixo de uma lona, à espera do olhar interessado de quem se deixe molhar pelo impulso da compra. As bolsas vão nascendo quen-

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. Contato: renatamelo@poli.ufrj.br